



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6195 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

SIGNIFICANTES SOBRE EDUCAÇÃO E SER PROFESSOR(A): A DOCÊNCIA COMO SINTOMA

Simone Bicca Charczuk - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: não há

SIGNIFICANTES SOBRE EDUCAÇÃO E SER PROFESSOR(A):

A DOCÊNCIA COMO SINTOMA

Este trabalho, caracterizado como uma pesquisa psicanalítica, partiu de um questionamento dirigido as/os alunas/os de licenciatura, vinculados a uma Universidade Federal do sul do Brasil, sobre o que entendem por educação e sobre ser professor(a). Teve como objetivo disponibilizar espaços de escuta para alunas e alunos nos quais estas/es foram convidadas/os a compartilharem suas narrativas sobre o questionamento proposto. Tendo em vista a articulação teórica com a abordagem psicanalítica freudo-laciana, o conceito de sintoma foi eleito como operador central de leitura dos discursos das/os licenciandas/os.

A ideia de sintoma está fortemente vinculada à doença quando nos ancoramos no imaginário médico. Porém, na elaboração da psicanálise, a noção de sintoma porta outras nuances. Como nos lembra Pereira (2013), tal conceito apresenta-se através de uma dupla face, pois, por um lado denuncia o que não vai bem, o que causa sofrimento ao sujeito, por outro, dá a ver aquilo que o sujeito tem de mais real, aquilo com o qual está comprometido e que possui um efeito estrutural. Essa dimensão do sintoma possibilita a inscrição do sujeito no mundo de modo singular.

Maia, Medeiros e Fontes (2012), resgatam o trabalho de outros autores e apresentam três formas que a noção de sintoma assume ao longo da obra de Lacan, a saber, o sintoma como mensagem-metáfora, como gozo e como produção e invenção do sujeito. É esse último aspecto que nos interessa particularmente para pensarmos a docência como sintoma.

Primeiramente, como mensagem-metáfora, o sintoma é concebido como aquilo que diz da verdade recalcada no sujeito e, através da palavra, torna-se possível desvendar o que ele explicita e o que encobre. Nesse momento, o sintoma está vinculado fortemente ao registro do simbólico e representa um saber que o sujeito não tem acesso, senão metaforicamente pela via sintomática. O sintoma como gozo refere-se a tentativa de lidar com a falta, com o fora do sentido. O sujeito não abre mão de seu sintoma porque encontra nele não só sofrimento, mas a tentativa de obter satisfação e também construir um lugar no

mundo dos falantes. Por fim, o sintoma como produção e invenção do sujeito aproxima-se do registro do real, sendo considerado parte do sujeito e central na sua estrutura e constituição. Conforme referem os autores,

segundo essa compreensão, os sintomas já são tentativas de tratar o Real, modular o gozo, que podem ser mais ou menos danosas para o sujeito. A perspectiva do tratamento analítico, nesse momento da elaboração lacaniana, não visa à eliminação dos sintomas, mas a ajudar o sujeito a encontrar uma nova forma de lidar com seu sintoma, com aquilo que o constitui (MAIA, MEDEIROS e FONTES, 2012, p. 57).

Essa última dimensão, o sintoma como produção e invenção do sujeito, é explorada por Lacan no seminário 23, O sinthoma (LACAN, 2007). A mudança da grafia dá conta de um afastamento da ideia do sintoma como algo mórbido em detrimento de sua compreensão como modo de enlaçar os registros do simbólico (leis da linguagem), imaginário (relação com a imagem e o semelhante) e real (“resto” impossível de simbolizar). Buscar valer-se do sintoma e não estar a ele submetido é o foco dessa abordagem.

Pensar a docência como sintoma é compreender a educação como modo de laço social, de dizer de si e constituir-se professor(a) no exercício da docência. Stolzmann e Rickes (1999) contribuem para esse debate quando problematizam a profissão docente como produção sintomática. Segundo as autoras, “o mestre ensina porque é seu dever, porque transmitir é seu sintoma, é o que o funda como sujeito” (STOLZMANN e RICKES, 1999, p. 49). O modo como cada docente lida com esse sintoma é o que nos interessou no decorrer desse trabalho.

Conforme mencionado no início desta pesquisa, esse estudo ancorou-se metodologicamente nos pressupostos teóricos da pesquisa em psicanálise. Rosa (2004) apresenta como possibilidade da pesquisa em psicanálise uma prática denominada psicanálise extramuros ou em extensão, caracterizada pela problematização e investigação de fenômenos que não estão diretamente ligados ao enquadre do tratamento psicanalítico. Resgata que o próprio Freud, embora tenha se dedicado à construção da teoria psicanalítica fortemente vinculada à prática clínica, nomeou de psicanálise aplicada as contribuições de seus escritos que extrapolam esse campo. Nesse sentido, Nogueira (2004, p. 83) destaca que “a metodologia científica em psicanálise confunde-se com a própria pesquisa, ou seja, a psicanálise é uma pesquisa”, seja ela realizada no contexto clínico ou em outros.

A concepção de sujeito (que inclui necessariamente o conceito de inconsciente como um saber não sabido), a ética psicanalítica (que implica uma escuta não moralizante) e o modo de formular as questões de investigação podem ser considerados como as contribuições específicas da psicanálise para a construção da pesquisa. Além disso, esclarece Rosa (2004, p. 341),

O método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito, e constrói uma metapsicologia não isolada mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa. O psicanalista não aplica teorias, não é o especialista da interpretação, nem mesmo da fantasia, posto que não é só aí que o inconsciente se manifesta; o psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos, está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado a priori, mas produzido na e pela

A pesquisa psicanalítica não está calcada na separação entre um sujeito que se ocupa da investigação e de um objeto foco de estudo. Com o estabelecimento de uma relação transferencial, via escuta da associação livre, o sujeito que é “objeto” de pesquisa assume um lugar muito diferente de ser objeto de investigação sobre o qual se obtém um conhecimento (NOGUEIRA, 2004). O conceito de escuta tem papel central na práxis do psicanalista e, em extensão, do pesquisador que constrói sua pesquisa ancorada nos pressupostos da psicanálise. Se Freud (1969) considerou a associação livre do paciente como forma de manifestação do inconsciente, em contrapartida postulou a escuta e a atenção flutuante como “instrumento” do psicanalista para ter acesso a tal manifestação. De acordo com Rosa (2004, p. 342), “o sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende. A escuta busca, na linguagem, a articulação da libido e do simbólico”. Conforme ressalta Bastos (2009, p. 95),

A escuta psicanalítica, como já destacado, é aquela que busca a singularidade do sujeito e que precisa estar atenta ao desejo inconsciente que está sendo enunciado. Singular é aquilo que é só seu, próprio de você e de mais ninguém, porque diz respeito a algo que foi se construindo e continua a se construir em sua história pessoal. O desejo (que é diferente da vontade), tem a ver com essa história e com a singularidade.

Participaram dessa pesquisa alunas e alunos de diversos cursos de licenciatura vinculados a uma Universidade Federal do sul do Brasil, sendo que foram incluídos nessa análise os discursos produzidos no encontro transferencial constituído em situação de formação, principalmente no contexto de sala de aula. Nesse sentido, os discursos foram colhidos a partir de três principais recursos: a) narrativas escritas por 20 estudantes e entregues em sala de aula; b) as falas escutadas durante os semestres de 2018/2 a 2019/2 em turmas das disciplinas de Psicologia da Educação, totalizando, em média 180 alunas/os cursantes e c) o acervo de cartas escritas por licenciandas/os vinculadas a um programa de extensão co-coordenado por esta pesquisadora, sendo consultadas 118 missivas pertencentes a esse programa. Os discursos dos participantes desta pesquisa foram tomados a partir dos pressupostos psicanalíticos anteriormente enunciados e os “dados” colhidos não foram tratados como fatos em si, mas sim como significantes que remetem a uma história, singular e desejante. Conforme aponta Pavón-Cuellar (2014, p. 194), “[...] o método lacaniano [de análise do discurso] observa a presença concreta do discurso, das palavras e da linguagem, do que *se diz e da maneira que se diz*, e não do que tudo isso *supostamente quer dizer*”. As narrativas incorporadas nessa análise tiveram a anuência dos sujeitos que as proferiram para seu uso na presente pesquisa.

No que diz respeito à análise de dados, apresentamos algumas narrativas das(os) licenciandas(os) acerca do que consideram como educação e o que é ser professor(a). Entendemos que tais falas inspiram a leitura e compreensão da ideia de docência como sintoma, conforme propõe Pereira (2013); Maia, Medeiros e Fontes (2012) e Stolzmann e Rickes (1999). Alguns recortes de falas das/os estudantes:

“Educação é uma dimensão relacional, em movimento e mudança constante. É um campo de atuação profissional e político. Educar é preocupar-se em aprender; a partir de

aprendizagens ensinar”. Licencianda em pedagogia.

“O ato de educar é um ato político, social e subjetivo, carregado de intencionalidades. Educar é formar seres humanos capazes de reconhecerem a si mesmos e ao próximo, respeitando as diversidades que podem existir tanto individualmente quanto nos coletivos”. Licencianda em pedagogia.

“Educação é um direito e um ato político ao mesmo tempo, ela é a possibilidade de dar início a muitas mudanças na sociedade, mas também de manter o status quo de maneira perigosa caso seja dominada por interesses que a conduzam a esse caminho. E educar é um ato de resistência, resistência às dificuldades da vida docente, mas principalmente de resistência para construir novas perspectivas de vida e de posicionamento político e social dos estudantes com quem os educadores entrarem em contato”. Licenciando em história.

Um significante que se repete nas narrativas das(os) licenciandas(os) é a leitura da educação como “ato político”. Ao resgatarmos o conceito de significante conforme expresso por Dor (1989), como algo que representa alguma coisa para alguém, podemos pensar que as(os) estudantes compartilham sua leitura da educação fortemente associada com a ideia de política. E, ao pensarmos a dimensão política como efeito de encontro que se produz no “entre-dois”, podemos aproximar essa concepção de educação com o que nos apresenta Lajonquière (1997, apud Kupfer, 1999), qual seja, o movimento de transmissão de traços do desejar, a filiação de alguém a uma dada cultura e a produção do reconhecimento. A educação como elemento político fala de mudança e também de transmissão/filiação.

A dimensão do laço entre os sujeitos também aparece fortemente mencionada nas narrativas das(os) licenciandas(os) quando questionadas(os) sobre o que é ser professor(a). Nas suas falas, as(os) licenciandas(os) remetem a ideia de docência aos significantes de “encontro”, “relações” e o “respeito/consideração pelas diferenças”. Algumas narrativas colhidas durante os diversos espaços de escuta:

“Ser professora é um ato de encontro, de entrega e desapego. Encontro porque só se dá em relação com outras pessoas, com desejos e angústias. De entrega porque exige entregar-se ao ato do não saber; da ignorância como primeiro passo para aprender. Desapego porque exige movimento permanente, abandono de lugares confortáveis e relações estáveis em prol do novo, do desconhecido, um ato pedagógico mediado por cognições e afetos que só acontecem no 'agora'”. Licencianda em pedagogia.

“É estabelecer relações de troca de conhecimentos, aprendizagem, instrumentalização e de parceria”. Licencianda em história.

“Ser professora é ter um olhar sensível as diversas maneiras de existir, e respeitando-as, planejar situações significativas para os(as) estudantes de modo que eles(as) se desenvolvam como seres humanos”. Licencianda em pedagogia.

“Ser professor é ter a chance de fazer a diferença em diversos ambientes sociais e diversas vidas, é poder ser diferente e fazer diferente, além de poder aprender e ensinar com uma gama gigantesca de alunas e alunos com suas diversas vozes, personalidades, sonhos, histórias de vidas”. Licenciando em história.

Quando Pereira (2013) apresenta o conceito de sintoma na obra de Lacan, destaca que, além de remeter à ideia de sofrimento, o termo diz daquilo com o qual o sujeito se vê preocupado e comprometido, o que indica a sua mais singular forma de estar no mundo. O sintoma também aparece na teorização de Maia, Medeiros e Fontes (2012) como aquilo que remete a invenção e constituição de si. As(os) licenciandas(os) mostram, nas suas narrativas, a dimensão necessária da escuta e do reconhecimento do outro na educação, pois, para elas e eles, ser professor(a) implica relação: consigo, com o outro e com o conhecimento.

Ao serem convidadas(os) a pensarem sobre o que define a educação e o que é ser professor(a) apostamos que tal pergunta possa abrir espaço para que cada uma e cada um possa, no percurso da graduação, trilhar um caminho de análise sobre o modo singular que almeja construir como seu lugar de professora e professor. Por fim, apostamos justamente na inclusão de espaços de escuta e palavra das/os licenciandas/os como de suma importância nos espaços formativos, seja principalmente na formação inicial, mas também nos espaços de formação continuada. Entendemos ser esta uma das grandes contribuições da psicanálise no seu encontro com a educação.

Palavras-chave: Docência. Psicanálise. Sintoma. Formação de Professores

REFERÊNCIAS

BASTOS, A. B. B. I. A escuta psicanalítica e a educação. **Psicol inf.**, São Paulo , v. 13, n. 13, p. 91-98, out. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092009000100006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 09 mar. 2016.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In: _____. **Coleção completa das obras de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.

KUPFER, M. C. M. Freud e a educação, dez anos depois. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, nº 16, 1999, p. 14-26.

LACAN, J. **O seminário, livro 23: o sintoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAIA, A. B.; MEDEIROS, C. P.; FONTES, F. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 44-61, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 fev. 2016.

NOGUEIRA, L. C.. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 15, n. 1-2, p. 83-106, June 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013>.

PAVÓN-CUÉLLAR, D. Do método lacanian crítico-teórico às suas reconfigurações prático-políticas em discursos concretos: questionamento da ideologia, compromisso do pesquisador e subversão do sujeito. In: LIMA, A. F.; LARA JÚNIOR, N. **Metodologias de pesquisa em psicologia social crítica**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 193-232.

PEREIRA, M. R. O professor-sintoma. **Correio da APPOA**, Ano 1, n. 1, janeiro 2013.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 mar. 2016.

STOLZMANN, M. M.; RICKES, S. M. Do dom de transmitir à transmissão de um dom. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, nº 16, 1999, p. 39-51.